

A SEDUÇÃO DO EFÊMERO: SOLIDÃO E PÓS-MODERNIDADE

Antonio Paulo Rezende

As trajetórias da história não comportam a linearidade dos tempos, mas sim um constante diálogo entre eles. Devemos evitar o estabelecimento de hierarquias, eliminando a idéia da história enquanto realização de um plano da natureza ou mesmo exaltando transcendências progressistas que fogem ao cotidiano do fazer histórico. O sentido da história não é algo definido a priori, mas uma construção complexa. A leitura do sentido exige trabalhar com a diversidade das interpretações, com olhar de um hermeneuta que não se satisfaz com a mesmice. Contar a história é, portanto, um entrelaçamento da imaginação com as fontes pesquisadas, problematizando sempre e não pré-determinando os acontecimentos. A história é a grande invenção humana no seu viver e no seu narrar e sua cartografia não é fixa.

O território da história está aberto à comunicação com outros saberes, não havendo uma identidade imutável. É preciso ampliar a temática e não restringir os campos de pesquisa. Desde os tempos da Escola dos Annales que a historiografia vem passando por mudanças importantes. A crítica ao positivismo foi fundamental, como também a conexão com as Ciências Sociais. Não há um espaço do social que não possa ser investigado pelo historiador. São paisagens que movem sua capacidade de reflexão e ajudam a desvendar os enigmas do fazer histórico. A história é a construção da possibilidade, a busca criativa de alternativas para lidar com os múltiplas dramas e tragédias da vida que dão uma dimensão dos limites que nos cercam. Uma leitura das tragédias nos ajuda a compreender os significados mais profundos do ser humano.

A ampliação das pesquisas e das suas questões nos leva a pensar temas antes marginalizados. Com isso, novo referencial teórico deve ser definido e novos diálogos devem ser assumidos. Quando nos propomos a estudar **A sedução do Efêmero: solidão e pós-modernidade**, temos que nos envolver com temas antes pensados pela filosofia ou mesmo a psicanálise. Nossa reflexão, portanto, solicita que tracemos trilhas renovadoras e corramos riscos de quem anda pelas margens. Contudo, era uma grande ausência nos

estudos históricos a construção da afetividade, na sua dimensão histórica, tão trabalhada pelo historiador Peter Gay. Os nossos sentimentos também são invenções relacionadas com espaços e tempos da história. Não como negar sua inserção nos mais recônditos lugares da nossa vida e sua importância para compreendermos nossas escolhas, frustrações e desencontros.ⁱ

O estudo da afetividade, dentro de uma perspectiva histórica, sofre preconceitos. Há um receio de se estudar temas que envolvem a emoção e a subjetividade. Parece, então, que a história é a ciência do objetivo, quando sabemos da complexidade que compõe, de quanto as incertezas nos envolve, das sinuosidades que marcam os caminhos de cada vida, coletiva ou individual.ⁱⁱ A própria questão da objetividade está muito fragilizada desde as polêmicas já iniciadas no século XIX. Nietzsche, entre outros, mostrou como a interpretação e a linguagem são fundamentais, para o estudo do ser humano. Não há vida humana sem a possibilidade do exercício da interpretação, além de sabermos que formulamos nossas questões a partir das circunstâncias que compartilhamos. A neutralidade é uma grande quimera, não querendo negar com isso que há regras e ordens sociais, não esquecendo que o fazer social é resultado de continuidades e descontinuidades, mudanças e permanências, sem falar na teoria da compulsão à repetição formulada por Freud. Visualizar todas essas dificuldades significar afirmar que todo conhecimento tem lacunas e que é impossível se pensar em esgotar as perguntas que nos incomodam. Com isso, aquietamos esse desejo do absoluto que tanto nos confunde.

II

Quando ressaltamos o estudo da pós-modernidade e da solidão é preciso esclarecer esses conceitos bastante polêmicos. A pós-modernidade não é analisada como período superior ao anterior. Não elegemos a hierarquia com ponto diferencial. É difícil esmiuçar o conceito de pós-modernidade, porque é o tempo que vivemos, a nossa mais crua contemporaneidade. Além disso, não devemos esquecer que os tempos históricos se complementam ou se conflitam. A famosa crise da modernidade convive com a pós-

modernidade. Nem tudo, está definitivamente perdido ou mesmo deixando de ter importância. É inegável, porém, que temos que procurar outras maneiras de analisar o mundo humano e ter um olhar mais crítico diante das verdades modernas. Há um retorno de práticas do passado, como também um crescimento exuberante da tecnologia. O bem e o mal se apresentam de forma confusa. Os valores éticos são outros e, na política, há um desencontro generalizado. Tudo isso significa renovação, mas amedronta, pois estamos vivendo grandes indefinições. A informática se faz presente de forma avassaladora. Nossas relações com as máquinas é parte do cotidiano. É a sociedade do espetáculo e da banalização da violência, contraditoriamente rica na produção de conhecimentos. Ultrapassemos muitos impasses, mas a sociedade globalizada não consegue viver sem drogas e depressões. Caímos num consumismo sem limites, sem uma socialização que possa diminuir as imensas diferenças sociais.

O morto pós-moderno não apenas acena para problemas sem soluções. Vivem-se certos reencantamentos com a natureza, faz-se uma feroz crítica à burocracia, buscam-se alternativas de convivências fora das fortalezas do narcisismo, retomam-se tradições orientais, pensa-se o holístico, desconfia-se da razão instrumental. Passamos por inquietudes que podem trazer soluções sociais e políticas que levem a práticas menos individualistas. Não há desenganos definitivos, nem tampouco o fim da história. As possibilidades de mudança continuam abertas, os paradigmas não são verdades absolutas, a história nunca deixou de ser uma invenção humana, como também o projeto de autonomia não morreu, é válido para construir-se uma perspectiva mais igualitária e uma sociedade não infantilizada pelos brinquedos eletrônicos, pelo onipresente fetiche das mercadorias. Ainda há espaço de luta para salvar-se da insanidade mental ou do culto fundamentalista das riquezas materiais.

No mundo de tantas diversidades a questão da solidão ganha territórios imensos. Hannah Arendt já apontava para os limites da expansão tecnológica, no seu livro *Entre o passado e o Presente*, que levaria o ser humano a conviver com uma solidão destruidora diante da massificação constante dos valores. Criamos a cultura, estamos cercados dos nossos

produtos, somos criador e criatura, mas mergulhamos numa relação coisificante com os nossos inventos. Para eles, muitas vezes, jogamos nosso afeto, desprezando a convivência social com outros seres que nos ajudaram a atravessar trilhas turbulentas. Essa dificuldade de distinguir os significados, até hoje, dos projetos de modernidade, faz com que pouco uso façamos das práticas de solidariedade. Ritualizamos para esconder os desequilíbrios e sacralizar o solene, o gosto amargo da não felicidade se esconde por detrás de alegrias fabricadas.

No mundo da cultura parecemos seres estranhos, sem intimidades com o que criamos, como vítimas dos mecanismos transferenciais que dominam a mídia, no reino do Big Brother. Portanto, o exercício da crítica se perdeu, parece ser monopólio de alguns iluminados pela arrogância de um tipo de saber considerado científico. Diante da tantas vicissitudes, nos recolhemos, muitas vezes, em moradias minúsculas, cercados de artefatos eletrônicos, mal sabendo a finalidade de seus usos. A solidão se apresenta como uma fuga, como uma dificuldade de se lembrar das nossas aventuras afetivas e alegres e nos debruçarmos nos buracos estreitos da vida. Tornamos-nos exilados, desconhecendo nossos vestígios, confundidos as andanças das nossas memórias, com medo de perseguir as travessias mais sinuosas do mundo. A solidão como uma defesa, como um esconderijo mal acabado de uma arquitetura sufocante, espalha-se de maneira visível pelo mundo da verdade capitalista. Parece uma armadura que silencia os ruídos incômodos dos fantasmas do eu.

O aprofundamento dessa solidão nos faz desconhecer o valor do outro. Estamos submersos no egocentrismo da mesmice, para pudemos suportar as refeições mal comidas nos restaurantes de quilo, as transas mais resolvidas nos quartos bregas dos motéis, a coca-cola salvadora da nossa digestão apressada. Não choramos as lágrimas que aliviam a dor, preferimos a ação química dos psicotrópicos multinacionais. O inferno termina sendo justamente o outro como afirma Sartre na sua peça *O diabo e o bom Deus*. Puro engano ou elegia da decadência dos humanos. Não é possível pensar a história sem o outro, sem o compartilhar, sem o toque violento ou amoroso do outro. Como bem salienta Castoriadis,

nos seis volumes das *Encruzilhadas do Labirinto*, o histórico e o social estão entrelaçados, a manutenção desse vínculo move a cultura e fortalece a nossa capacidade de compreender a dimensão do mundo.

Por outro lado a solidão apresenta outras cores. Ela pode ser o encontro e não a busca. Ela pode ser a escuta e não o desespero. Ela pode sinalizar com os significados mais radicais, dando fôlego a nossa subjetividade. Não temos, portanto, o exílio medroso, mas a leveza do sonho, de não temer as fantasias, de vestir uma camisa listrada e sair por aí. Não é possível a história sem a construção do diferente, sem um projeto que nos arranque da passividade e do conformismo, sem a visão elucidativa da conjugação de todos os tempos, sem privilegiar o passado, nem o futuro, mas circulando no tempo mágico do presente, o grande caos onde desembarcamos todas nossas vivências amigáveis ou não. A solidão é, então, uma longa viagem pela clarividência que nos ajuda a desatar os nós com segurança e ânimo, nos fortalecendo como criaturas e criadoras da história que não temem as assombrações, nem os simulacros, apenas não esquecem a curiosidade de perguntar qual o tamanho da dor, se ela pode ser maior do que nós mesmos. Como as cidades invisíveis de Ítalo Calvino, nossa solidão possui todas as simetrias, mas fala o silêncio, pois se encanta com a fábula que, magicamente, faz de você sua própria e aconchegante moradia. Assim tecemos o manto do tempo sem pressa, costurando as surpresas e os desencantos, sem sufoco, sem pensar no que tarda, nem no que madruga, mas inserido no cenário de sua invenção cotidiana.

O efêmero nos lembra o conceito de modernidade de Baudelaire. Ele nos impressiona pela sua rapidez, mas dialoga com a eternidade, a sua medida, a sua máscara. A velocidade define o efêmero, mas a sentimos porque o imaginamos o tempo sem começo, nem fim. Elegemos sempre deuses, para salvaguardar nosso desejo de tornar-se infinito. Com desenvolvimento da tecnologia, as invenções ganharam um desempenho inesperado. Tudo se reduz a segundos, a milímetros. Tudo cabe em tudo. Espaços pequenos tornam-se imensos, de um celular minúsculo falamos para o mundo, numa tela plana de televisão avistamos mares nunca dantes navegados, nos aproximamos do proibido, nos assustamos com práticas culturais de outros povos. O que é mesmo a medida, ou melhor para que serve

medir ? Apenas dizemos o tempo passa, mas passou tanto, será que ele não se esgota, que não se acanha de nos incomodar com suas expectativas e dissonâncias? O efêmero talvez nem exista, seja apenas uma especulação, pois tudo é vivido com o gosto de sempre, com a dúvida do talvez? Nada mais subjetivo do que o tempo. Ame e sinta, os limites de não fazer do tempo uma ponte entre o desejo e o delírio. Por isso invente o efêmero, mas não queira vivê-lo, não sucumba aos seus encantos, despreze suas seduções. As escravidões do desejo são armadilhas que circulam incessantemente.

A análise da moda feita por Gilles Lipovetskyⁱⁱⁱ é bastante pertinente para se conhecer as curvas do efêmero, a sociedade da moda e do modismo, consagrando a novidade. A busca das diferenças faz parte da força do efêmero no mundo da moda que se anuncia desde os finais dos tempos medievais: *O êxtase do novo é consubstancial aos tempos democráticos; foi esse crescendo na aspiração às mudanças que contribuiu poderosamente para o nascimento da Alta Costura enquanto formação burocrática fundada na separação do profissional e do particular e consagrada à criação permanente.*^{iv} A sociedade pós-modernidade se institui na sacralização das novidades, não deixando de lado a possibilidade de exercitar o consumo desenfreado das mercadorias, tudo isso que nos faz pensar que o tempo é uma grande fantasia que faz manter a força de gravidade da história. *O desejo e a sedução comandam nossas vidas. Um destino indelével pesa sobre a sedução. Para a religião, ela foi estratégia do diabo, quer tenha sido feiticeira ou amorosa. A sedução é sempre a do mal. Ou a do mundo. É artifício do mundo.*^v

Restar salientar que as relações afetivas não ficam congeladas, nem apenas determinadas pelas chamadas infra-estruturas. Elas se entrelaçam com as aventuras humanas contribuindo com sua singularidade para periodizar os tempos históricos e mesmo seu dia-a-dia. São referências. A pós-modernidade ainda suspira incertezas quase absolutas. Seus mistérios se misturam com suas ousadias ou mesmo com sua banalização. É difícil se analisar com clareza o tempo que estamos vivendo, há sempre dúvidas, não se firmaram os hábitos e as surpresas estão sempre presentes. Existe na história essa dificuldade de se visualizar o que continua ou que se refez com outros significados. Assim vamos construindo

a cultura, nosso território privilegiado apesar dos desconfortos e das reflexões pessimistas. O historiador não perdeu o encanto da narrativa, com poder de síntese, com pacto com uma forma que lembre a leveza dos bons textos de García Marquez. Sua solidão não é de estranheza diante da complexidade do que contempla. Seus ruídos são importantes. A sua narrativa só está salva quando também seduz. E, nesse momento, que ela foge silenciosamente da solidão, passando a pertencer à coletividade que a ler e comungar da astúcia das suas imagens e do seu conteúdo peregrino que não teme as diabruras do mundo, porque seu ofício se configura ao desenhar outros mundos, sempre diferentes, nos pactos silenciosos com sua imaginação.

Para que se livrar das dúvidas, se a história sem inquietações extermina nosso poder de invenção, esvazia nosso imaginário social? Viver e contar são as celebrações mais sedutoras que fazem imagens de espelhos intensamente riscados, parecerem contaminados com os instantes mais próximos. E, às vezes, acreditamos que a linguagem é o traço mais sublime da nossa cultura, sem perceber que ela lida com ilusões, é um cárcere disfarçado, para nossas alucinações, como um palhaço que queima o circo, para esquecer o riso incomum que lhe contagiava. Não há lugar para o sempre na história, tudo está por um triz, mas é loucura transformar isso numa verdade definitiva. O olhar do solitário rasga máscaras e finaliza o encontro. Ele sabe que a sua saída é, muitas vezes, não acreditar nele mesmo. Incomoda-lhe a mentira que roubou sua paz, aliciou sua agonia e escondeu a tragédia. O ofertório da história está, muito além, do que os olhos apenas contemplam. A loucura do palhaço é humana, também se constrói na história e não levita sobre o mundo como um beija-flor apaixonado pela única flor do jardim. Sem o encantamento do mundo estamos prisioneiros, não escutamos os passos de quem se aproxima. Estamos na outra margem do rio sem ponte que, apenas, dirige-se ao oceano, subalternamente, ligado na sua solitária e egocêntrica sobrevivência. Quem não tem o que contar sepultou a história. Perdeu o outro, o encontro e se finaliza na busca, amarrado num sentido único que esconde a multiplicidade das histórias

ⁱ Ver os quatro volumes de Peter Gay sobre o século XIX, publicados pela Cia. Das Letras ou mesmo o livro de Jurandir Freire, *Sem fraude, nem favor*, um profundo estudo sobre as relações amorosas.

ⁱⁱ Sobre o mundo das incertezas ver as obras de Jean Baudrillard, um dos teóricos fundamentais da contemporaneidade e também do antropólogo Michel Maffesoli, com análises bem interessantes sobre os dilemas da pós-modernidade.

ⁱⁱⁱ *O império do efêmero (a moda e seu destino nas sociedades modernas)*. São Paulo: Cia das Letras, 1989

^{iv} *Idem, ibidem*, p.102.

^v Baudrillard, Jean. *Da Sedução*. 5 edição. Campinas : Papyrus,1991,p. 5.